

Aula multidisciplinar: um caminho inovador na gestão da sala de aula, rumo à interdisciplinaridade

Dr. Adriano S. Coelho
Ms. Andressa de Oliveira
Esp. Filipe Piazzi

O objetivo desta comunicação que envolve a temática das Estratégias de Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior é apresentar a experiência vivenciada por professores de diferentes áreas do ensino superior, em atuação conjunta em nível de pós graduação, numa proposta interdisciplinar de aulas em formato de debates e seminários. A gestão da sala de aula tem se configurado num cenário cada vez mais desafiador, devido às várias demandas geradas pelos discentes, que concomitantemente são profissionais em plena atividade em sua área de atuação. Neste relato de caso, apontamos um formato inovador na gestão de conteúdos, docentes e tempo, a fim de maximizar o aproveitamento discente para o exercício de suas funções, desenvolvendo aulas interdisciplinares num curso de MBA em Gestão Educacional e Escolar, na disciplina de Seminários de Gestão aplicada à Educação, valendo-se de uma equipe multidisciplinar composta por docentes com variadas formações, como: um Gestor Educacional, uma Coordenadora Pedagógica, uma Orientadora Educacional, um Advogado e uma Psicóloga, os quais simultaneamente vão desenvolvendo as temáticas abordadas, oriundas da prática profissional, em especial, das problemáticas do cotidiano escolar, cada um abordando a visão dos temas estudados sob a ótica de sua área, e ao mesmo tempo, recebendo intervenções dos demais profissionais, dúvidas entre os pares e até "cases" trazidos/criados pelos discentes. Este estudo analisa a dinâmica de desenvolvimento de aulas interdisciplinares de 2 turmas de MBA em Gestão Educacional e Escolar já concluídas, uma experiência com gestores de rede particular e outra com gestores de rede pública de ensino, ambas buscando a percepção da equipe multidisciplinar, quanto aos impactos na formação discente. O estudo procura alicerçar seu referencial teórico a partir do pressuposto da interdisciplinaridade e busca nas práticas vivenciadas, concatenar os resultados oriundos da experiência com a teoria estudada, buscando convergências e divergências que comprovam no todo, ou em partes, o referencial teórico de partida.

Palavras-Chave: Gestão de Sala de Aula; Docência do Ensino Superior; Interdisciplinaridade.

Quando os pensamentos se voltam ao nível superior de ensino, em relance algumas características peculiares, vão se somando umas as outras e logo vão se elencando termos como: docência universitária, projetos, gestão da sala de aula, inovação, metodologias de ensino, interdisciplinaridade, gestão universitária, pesquisa, extensão, entre várias outras possíveis, mas atualmente, alguns destes termos, tem recebido espaço privilegiado em artigos e debates da área.

Neste caso, os temas abordados, vão compor uma ousada proposta para que se caminhe mais alguns passos, rumo à falada e desejável inovação no ensino superior, através de aberturas e novas práticas de metodologias de ensino, rumo à interdisciplinaridade.

Dentro do contexto do novo no ensino superior, entende-se inovação como algo que inclua atitudes, tecnologias e posturas, diferentes das até então praticadas, e que ultrapasse os limites até então vivenciados, como aponta Masetto:

Assim, denominam-se inovação as novidades da era tecnológica da informação e da comunicação, as novas condições para o conhecimento, o interesse em superar a fragmentação nos diversos campos do conhecimento, a busca de um saber interdisciplinar, as recentes revisões das carreiras e dos perfis profissionais, até as demandas que o século XXI dirige à educação em seus diferentes ângulos (2012, p. 15).

Ainda fazendo ecoar as palavras de Masetto, entende-se na realidade a ser abordada neste texto, que o interesse em superar a fragmentação dos conhecimentos trabalhados no ensino superior, pode bem ser alcançado pela utilização da interdisciplinaridade como princípio de ação e por que não, como metodologia de ensino, já que propõe mudança na prática docente em sala de aula.

Qual o professor universitário que, ao parar para pensar em suas aulas, não tenha buscado, por várias vezes, descobrir qual a melhor metodologia de ensino a se usar, para atingir seus objetivos? Como fazer para que o currículo planejado, se concretize no portfólio pessoal de conhecimentos de cada aluno? Como preparar o futuro profissional que se está formando? Estas e outras possíveis indagações autorreflexivas, tem se tornado motivo de busca, de antigos e novos docentes do ensino superior, por se configurar numa retumbante exigência da carreira acadêmica atual.

Porém, trabalhar um bom e velho currículo, e uma boa e velha forma, não atinge mais os bons e velhos objetivos

Não há como projetar um currículo inovador baseando-se em métodos tradicionais como as aulas expositivas e as aulas práticas, na quais o interesse está na comunicação de informações. A substituição por uma *metodologia ativa e participativa*, por técnicas e recursos que favoreçam o alcance dos vários objetivos educacionais propostos, que motivem o aluno a aprender e incentivem sua participação no processo de aprendizagem é imprescindível. (MASETTO, 2012, p. 27).

Por inúmeras vezes já se ouviu dizer que para ter sucesso no processo ensino-aprendizagem, não há uma receita, mas nossa prática, muitas vezes insistentemente repetitiva, aponta o contrário. Se o desejo, são novos resultados, seria coerente usar novos ingredientes, e novas receitas... é preciso substituir as metodologias de ensino até então imortalizadas por nossa prática, e usufruir de novas opções para o ensino, como regra de partida.

Interdisciplinaridade no Ensino Superior

Se por um lado às metodologias de ensino comumente praticadas estão ultrapassadas, como criar uma nova cultura metodológica, ou seja, como fazer para que possamos incorporar práticas inovadoras a nossa rotina em sala de aula?

Neste sentido, entende-se a interdisciplinaridade como uma opção adequada e pertinente a realidade do ensino, pois administrar o saber de forma a construir diálogos e pontes entre outros saberes, deve ser uma prática cotidiana na rotina didático-pedagógica, de qualquer profissional que se propõe a ser um professor universitário.

Ampliando o olhar educacional, ao adotar a interdisciplinaridade como opção metodológica, parte-se da lógica de uma prática que busca profundo e ao mesmo tempo objetivo, nível de conhecimento para se abordar os conteúdos na gestão da sala de aula.

Alguns teóricos apresentam visões variadas sobre o que venha a ser a definição de interdisciplinaridade, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto educacional. Segundo Fazenda,

Servindo-nos por exemplo de uma definição clássica produzida em 1970 pelo CERI – Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino – órgão da OCDE Documento CERI / HE / SP / 7009) onde Interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionando-os.

Porém, entendemos que tal definição já tenha sido ampliada e aprofundada, pois ao se trazer a definição da interdisciplinaridade para a prática, outras relações e desenvolvimentos vão aflorando, dando novos sentidos ao termo.

Continuando a composição de alguns dos aspectos de uma possível definição de interdisciplinaridade, Japiassu amplia a compreensão e explica que:

[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador. (1976, p. 65-66).

Neste ponto de vista, fica claro que a interdisciplinaridade propõe mais do que dialogo entre áreas, mas, indo além, oportuniza melhores condições didáticas para o desenvolvimento dos conteúdos em aula.

O mundo acadêmico atual tem requerido competências docentes específicas, nas busca de atender a alunos globalizados, informatizados e muitas vezes saturados de informação mal comunicada. Por outro lado, os conhecimentos contemporâneos tem se mostrado naturalmente inclinados a unir e usufruir da comunicação entre áreas, para cativar e tornar mais agradável e interessante as informações, aos seus leitores em potencial. Esse padrão de interlocução entre áreas de conhecimentos, cada vez mais adotado nas teorias e práticas, dos leigos aos acadêmicos, pode ser entendido também como uma tendência da atualidade.

Olga Pombo descreve como pode ser essa tendência natural a interdisciplinaridade:

Trata-se de reconhecer que determinadas investigações reclamam a sua própria abertura para conhecimentos que pertencem, tradicionalmente, ao *domínio* de outras disciplinas e que só essa abertura permite aceder a camadas mais profundas da realidade que se quer estudar. Estamos perante transformações epistemológicas muito profundas. É como se o próprio mundo resistisse ao seu retalhamento disciplinar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal (2004, p. 10).

Neste sentido, entende-se que resistir a práticas interdisciplinares, é também resistir a uma atual exigência da transmissão do saber, a de não se retalhar tanto os conteúdos, para apresenta-los aos aprendizes.

Quando o docente se propõe a adotar uma atitude interdisciplinar em sua rotina acadêmica, necessariamente está se abrindo a troca de informação entre as áreas dos saber, que conseqüentemente, requer pesquisa e estudo com diversos conteúdos, evoca novas experiências dentre as opções de métodos de ensino até então utilizados.

A mudança na postura docente é inevitável, já que simultaneamente, este deixa de se dedicar a sua exclusiva área de conhecimento, suas convicções pedagógicas se ampliam, sua forma de ensinar se modifica, se torna mais atuante e vigorosa, e em linhas gerais, vai saindo de sua zona de conforto.

Passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação pedagógica dialógica na qual a posição de um é a posição de todos. Nesses termos, o professor passa a ser o atuante, o crítico, o animador por excelência (FAZENDA, 1979, p. 48-49).

Ora, se o docente passa a se abrir, ao ponto de enxergar a posição do outro conhecimento, como a posição de todos, então, torna-se mais fácil, mais natural e lógico, se fazer pontes entre todos os temas, sem parecer forçado e mecânico.

Japiassu propõe uma boa forma de saber se o caminho à interdisciplinaridade está sendo percorrido,

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los *integrarem e convergirem*, depois de terem sido *comparados e julgados*. Donde podemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modelos particulares e com resultados específicos. (1976, p. 75)

Neste enfoque, torna-se possível atingir a interdisciplinaridade, garantindo assim, a construção de conhecimentos globais, extrapolando os limites das disciplinas.

Assim, entende-se que para sair da zona de conforto, rumo a novas rotinas didático-pedagógicas, e neste relato de caso, a interdisciplinaridade, compor uma equipe multidisciplinar pode ser uma forma inovadora qualitativa, de metodologia de ensino, para assegurar, amplitude e profundidade, ao trabalhar os conteúdos de um currículo acadêmico.

Gestão da sala de aula em pós-graduação: relato de caso

Ao relatar o presente caso, objetivamos apontar um formato inovador na gestão de conteúdos em sala de aula, docentes e tempo, para possibilitar um maior aproveitamento por parte dos alunos, com vistas ao exercício de suas futuras funções. A proposta desenvolvida concretizou-se, através de aulas interdisciplinares, num curso de MBA em Gestão Educacional e Escolar, em uma das disciplinas, no caso a disciplina de Seminários de Gestão aplicada à Educação¹, que tem uma carga horária de 30 horas, sendo distribuída em 6 encontros de 5 h cada um.

A gestão dos docentes nesta proposta, baseou-se na formação de uma equipe multidisciplinar, composta por docentes com as seguintes formações:

¹ Este MBA é desenvolvido pelo UNASP – EC, de forma presencial, com aulas vespertinas e noturnas, uma vez por semana. As turmas são formadas em sua maioria por gestoras e coordenadoras pedagógicas de escolas municipais, e também professoras, do estado de São Paulo, na região onde se situa o Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus II.

um Gestor Educacional, uma Coordenadora Pedagógica, uma Orientadora Educacional, um Advogado e uma Psicóloga. Como já apontado por Masetto (2012, p.15) anteriormente, entendeu-se ser relevante revisar carreiras e perfis profissionais, para a escolha de cada docente. Desta forma, levou-se em consideração, não apenas a formação específica, mas também o ter experiência na prática profissional em cada área de atuação, além do cuidado em optar por profissionais que já eram docentes universitários, mas, mais do que isto, docentes os quais, os próprios alunos, de variados cursos, vinham apontando como bons professores.

A gestão das aulas se desenvolviam a partir de temáticas previamente acordadas entre os professores e alunos, que dentro da proposta da disciplina, apontavam questões específicas, evocadas por dificuldades enfrentadas em sua prática profissional, já que todos os alunos estavam em um contexto de formação continuada em serviço. Desta forma, os docentes da equipe multidisciplinar, propunham temáticas previamente às datas em que eram abordadas, de forma que todos os alunos tinham tempo para se preparar para a abordagem do tema.

A gestão do tempo e da dinâmica da aula, que durava cerca de 5 h/aula, com intervalo de 15 minutos, foge ao padrão da normalidade, a qual era administrada com formato especificamente criado para esta proposta de ensino, onde a aula se iniciava com um dos componentes da equipe multidisciplinar, trazendo uma provocação sobre a temática. Em seguida o grupo de alunos responsáveis por trazer o assunto à turma, dispunha de 20 minutos para sua explanação, que devia ser desenvolvida como uso de recursos e metodologias variadas, obrigatoriamente.

Em seguida, cada docente da equipe multidisciplinar tinha 15 minutos para abordar o tema, baseando-se somente em sua área de formação/atuação, com viés pautado na indispensável fundamentação teórica do tema. Na sequência, os docentes abordavam simultaneamente as temáticas abordadas, pelo grupo de alunos, e/ou pelos outros docentes, agora obrigatoriamente de forma interdisciplinar, ou seja, fazendo conversar e colaborar cada fala, para a compreensão dos conteúdos, ao mesmo tempo recebendo intervenções uns dos outros e dos alunos, construindo assim, pontes entre os saberes trazidos por todos.

O ponto seguinte propunha que os grupos de alunos trouxessem um ou dois “cases”, oriundos de suas práticas profissionais, ou seja, de sua realidade atual, podendo ser reais², ou baseados em casos reais, sobre o tema ou algo mais específico dentro do tema, para que de forma interdisciplinar, mas agora, equipe docente e alunos, juntos, somassem força, para ampliar a discussão, agora com um viés ainda mais voltado a prática. Daí por diante, inevitavelmente, o grupo já bem solto e entrosado, tinha liberdade de aproveitar o tempo restante, para passear pela temática, conforme o interesse guiava.

Ao final reservava-se uns minutinhos para que cada docente da equipe multidisciplinar concluísse o tema com uma premissa/pressuposto³.

Entres os profissionais envolvidos, sem duvida, o Advogado representando a área do direito, apesar da afinidade na área de humanas, é o que menos transita nas especificidades da área educacional. Para a completude do contexto das práticas vivenciadas, solicitamos a este profissional que nos trouxesse sua visão de como se sentiu ao participar do grupo multidisciplinar, a seguir.

Uma visão do trabalho integrado da parte docente – Direito Educacional

Certamente, um dos maiores desafios já enfrentados pela humanidade sempre esteve relacionado com a arte do ensino e sua didática. Conceituamos como arte pois não trata-se apenas de um aglomerado de informações dispostas de maneira ordenada a fim de facilitar o aprendizado, mas requer, igualmente, técnicas próprias à transmissão, que somente alcançarão o fim desejado se alinhadas ao talento natural de seu interlocutor.

Por tal razão, em todas as civilizações mais desenvolvidas da história humana, os mestres/docentes sempre ocuparam papel de destaque frente à sua

² O corpo de alunos foi devidamente orientado a cuidar dos aspectos éticos que envolvem esta proposta, resguardando nomes e/ou informações que pudessem levar a uma possível identificação das pessoas envolvidas nos “cases” propostos por eles.

³ Os docentes já sabiam que tinham que trazer esta premissa, mas sabiam também, que ainda que a trouxessem pronta, ela deveria ser pautada no resultado das discussões. Assim, o conteúdo e prática desenvolvidos ali, transformavam-se em síntese temática pelos docentes.

sociedade, justamente por neles se apoiarem as aspirações de um mundo melhor.

Contudo, cuida-nos, outrossim, esclarecermos, que não obstante as realidades sociais vividas anteriormente, os desafios contidos na sociedade hodierna desafiam ainda mais a prática docente. Isso porque, não bastassem todas as sobreditas prerrogativas, impende ainda acrescentarmos à essa relação o fator discente, que certamente não possui as mesmas características apresentadas em tempos anteriores, não só pela fluência das informações que transbordam os assentos da academia, mas sobretudo por sua pertinente “vida paralela” que o torna muito mais crítico às informações recebidas.

Amparados por esta perspectiva contextual, é que entendemos como indispensável e irrefutável a utilização de técnicas que aproximem cada vez mais o discente à sua realidade pragmática. E dentre essas, destacamos a multidisciplinaridade dos conteúdos programáticos como um caminho à interdisciplinaridade e à aprendizagem significativa.

Á luz da experiência vivida, tanto como discente e posteriormente como docente, verificamos e constatamos que a utilização de tal método é de significativa relevância à efetiva consecução do almejado processo de ensino-aprendizagem.

Tendo como parâmetro inicial a perspectiva discente, vislumbramos que o conteúdo discorrido de forma multidisciplinar, por certo incentiva o discente a enxergar muito além dos ângulos pretendidos pela ciência sob estudo, promovendo-lhe um olhar mais atento às diversas facetas e desdobramentos que o mesmo conteúdo pode ter para outros ramos de estudo, tornando-lhe, desta forma, muito mais preparado para os desafios da vida cotidiana.

De outro giro, ao experimentarmos as vivências ocasionadas pela prática docente nos moldes descritos no presente artigo, destacamos, igualmente, que a sua utilização ocasionou no desempenho mais satisfatório dos discentes,

pois as respostas às provocações à eles estabelecidas se deu de maneira muito mais enriquecida e ampliada, face aos parâmetros anteriores.

É seguindo essa linha de pensamento que ao cuidarmos de assuntos, como por exemplo, Atendimento Educacional Especializado, não nos restringimos “apenas” às lições pedagógicas, ao contrário, ampliamos o conceito com a visão de um gestor educacional, de uma coordenadora pedagógica, de uma orientadora educacional, de um advogado e de uma psicóloga.

Todos esses profissionais, devidamente qualificados academicamente, podem nos trazer lições acerca da operacionalização do atendimento educacional especializado, não só no âmbito pedagógico e acadêmico, mas também estrutural, elemento tão importante quanto os demais. Enriquecemos nosso tema também com as anotações jurídicas acerca da temática, onde foram demonstrados os fundamentos que sustentam o atendimento especializado, bem como as implicações sociais e pessoais que o não atendimento pode ocasionar. Por fim, a visão da psicologia proporcionou ainda mais solidez aos relacionamentos, tanto com os discentes, mas também com seus responsáveis e colegas de classe, a fim de que o atendido possa ser totalmente integralizado ao ambiente de estudos.

Considerações Finais

Da ótica docente, comprovamos sim, ser possível uma prática inovadora, interdisciplinar, que converge práticas, conhecimentos prévios, temas concatenados com os problemas reais e que atendem às necessidades dos alunos de especialização a partir da predisposição em compartilhar conhecimentos, espaços e tempos fugindo do modelo pré-estabelecido e por muitos ainda defendidos como o paradigma que “garante” o aprendizado.

A partir da experiência vivenciada em 5 turmas diferentes nos últimos 12 meses, ousamos ainda afirmar que, quer seja pelo prisma do discente, ou pelo aspecto do docente, a prática de aulas em formato multidisciplinar, como proposto, irrefutavelmente ofereceu maior conteúdo, produziu mais

conhecimento e, por conseguinte, preparou melhor para a vida futura, provocando, assim, uma real aprendizagem significativa.

Referências Bibliográficas

DEMO, Pedro. **Educação & conhecimento – relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FAZENDA, Ivani C A.. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na formação de Professores. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração – ISSN 1984-5294** - Vol. 1, n. 1, p.24-32, Maio/2009

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MASETTO, Marcos (org.). **Inovação no ensino superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade. Ambições e limites**. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.